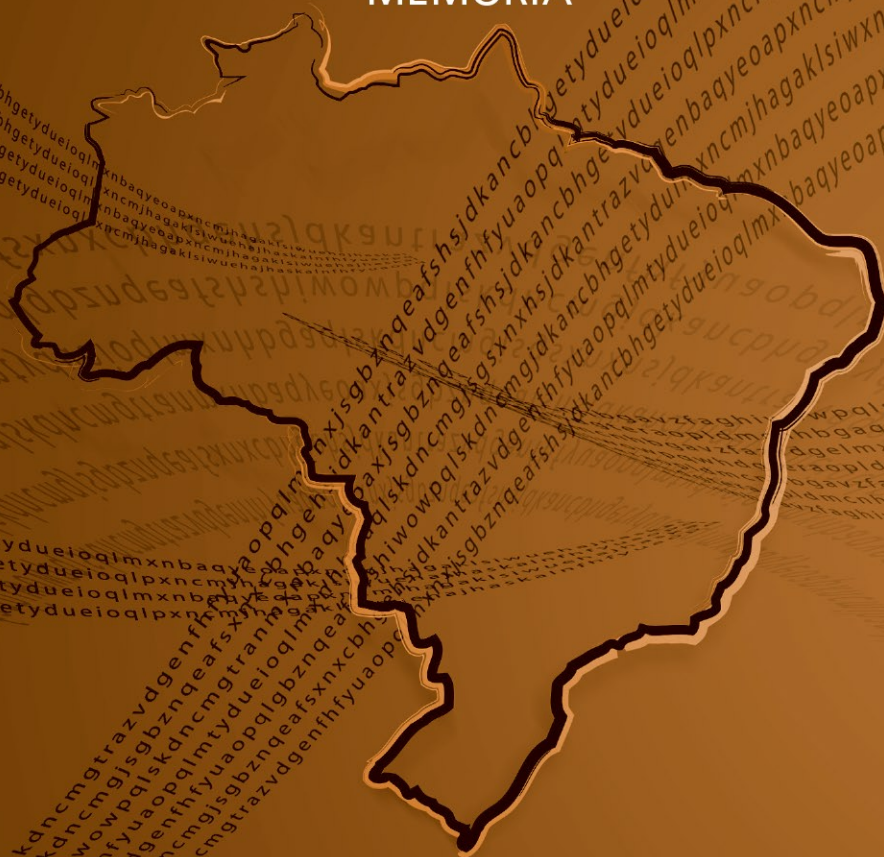


PANORAMA DA COMUNICAÇÃO E DAS TELECOMUNICAÇÕES NO BRASIL

2012/2013

MEMÓRIA



VOLUME 4



Brasília-DF
2013



PENSAMENTO COMUNICACIONAL ALAGOANO: ÍCONES EMBLEMÁTICOS DE TRÊS GERAÇÕES

José Marques de Melo*

1 PRESSUPOSTOS

Apesar de lançada em território fértil, à margem de canais e lagoas, no final do século XIX, a semente do pensamento comunicacional só germinaria em Alagoas durante o século XX. O plantio foi ousado pelo pioneiro João Francisco Dias Cabral, adepto da corrente histórica antilusitana, mas as árvores cognitivas só brotariam quando irrigadas pela geração Alfredo de Carvalho (Marques de Melo, 2012, p. 327-338).

Seu prócer alagoano foi Joaquim Thomaz Pereira Diegues, ufanista assumido, que nutriu os estudos midiológicos de Alagoas, plantando a primeira muda. Esta árvore frutificara admiravelmente ao ser cultivada pela corrente denominada “telúrica”, bem como ao ser enxertada pela “diáspora caeté” (Marques de Melo, 2004, p. 69-86).

Integrada, na sequência histórica, por ícones como Craveiro Costa, Abelardo Duarte, Theo Brandão e Moacir Medeiros de Sant`Ana, a “corrente telúrica” vem recebendo contribuições relevantes de autoria de Douglas Apratto Tenório, Luiz Sávio de Almeida e Antônio Sapucaia.

Trata-se de árvore frondosa, enxertada à distância pela “diáspora caeté”, composta por figuras emblemáticas da vida provincial. Intelectuais como Octavio Brandão, Costa Rego, Raul Lima, Tadeu Rocha, José Augusto Guerra, Arnaldo Jambo, Valdemar Lima, Ricardo Ramos, Reinaldo Santos, Audálio Dantas, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, Marcelo Ricardo e Marcelo Bulhões contribuíram significativamente.

Adicionaram-se a esse acervo os aportes do autor deste capítulo (Marques de Melo, 2003; 2004), conscientes do reducionismo teleológico adotado no plano metodológico. Por isto, revisitou-se oportunamente o universo comunicacional

* Professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, diretor de comunicação da Cátedra da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e presidente de honra da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

para destacar o vanguardismo de Theo Brandão no segmento folkcomunacional (Marques de Melo, 2008b). De igual maneira, esboçaram-se as histórias de vida de intelectuais santanenses (Valdemar Lima, Tadeu Rocha, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros e Marcelo Ricardo) que fortificaram o pensamento alagoano ao explorar distintos ângulos comunicacionais, motivados pelas raízes sertanejas (*op. cit.*). Sugerindo terrenos inexplorados (comunicações espaciais e comunicação cultural), suscitaram o interesse e a atenção das comunidades historiográfica e sociográfica (Marques de Melo, 2008a; Marques de Melo e Gaia, 2010).

2 INTENÇÕES

O propósito deste estudo, para decifrar a esfinge alagoana (Marques de Melo, 2004), é sem dúvida ampliar o território cognitivo ali dimensionado, vislumbrando-se três novos segmentos.

1. Safra nucleadora: professores-pesquisadores que constituíram as equipes responsáveis pelo desenvolvimento dos estudos comunicacionais nas universidades alagoanas, integradas por adventícios ou nativos transitórios, bem como pelos que permaneceram ou decidiram fixar-se em Alagoas.
2. Observadores forâneos: pesquisadores pertencentes a outras comunidades nacionais ou estrangeiras que se interessaram por temas ou problemas alagoanos, no campo comunicacional, e os estudaram especificamente, deixando registros bibliográficos.
3. Prata da casa: novos pesquisadores diplomados pelos cursos de comunicação das universidades de Alagoas, realizando pesquisas de iniciação científica, graduação e pós-graduação sobre os fenômenos comunicacionais do estado ou projetando olhares alagoanos sobre objetos situados em outras geografias, incorporando suas reflexões ao acervo do pensamento comunicacional.

A intenção deste trabalho é, portanto, completar o mapeamento já iniciado, avançando-se no sentido de dar-lhe sustentação biobibliográfica. A meta é construir acervo de referências socioculturais destinado a subsidiar o trabalho de docentes e estudantes da área de comunicação social, que desconhecem a riqueza da comunicologia alagoana e não valorizam a singularidade da midiologia caeté.

Área pouco explorada, a história do pensamento alagoano não vem acumulando dados fundamentais para nutrir e fortalecer a identidade cultural do estado, em conjuntura em que o processo de globalização acelerada vem desfigurando a fisionomia das sociedades periféricas e incentivando a mimetização do comportamento metropolitano.

3 METAS

Sem pretender restaurar uma espécie de regionalismo tradicionalista, a pesquisa aqui iniciada destina-se a construir um padrão de conhecimento *glocalizado*, valorizando as ideias enraizadas na cultura alagoana, mas reconhecendo as influências forâneas inexoravelmente assimiladas pela comunidade acadêmica (Marques de Melo e Gaia, 2010).

A meta é completar o “mapa” do conhecimento comunicacional gerado em território alagoano ou pela diáspora caeté, ampliando-se o universo cronológico já esboçado para incluir as contribuições posteriores ao estabelecimento dos estudos da área nas universidades locais (Marques de Melo, 2004).

Dessa maneira, o projeto tem ambição não apenas histórica, mas sobretudo didático-pedagógica, construindo um banco de dados capaz de alavancar o trabalho docente, sem esquecer a necessária revisão crítica de avanços e recuos denotados no correr do tempo.

Trata-se, evidentemente, de trabalho de equipe que vem exigindo a participação de pesquisadores situados em diferentes patamares da vida universitária (pós-doutorado, pós-graduação e iniciação científica).

Tomaram-se como referência inicial as principais fontes geradoras do conhecimento alagoano no campo da comunicação, sobretudo a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Alagoas* – do século XIX ao século XXI –, assim como a Série Estudos Alagoanos, publicada pelo Departamento Estadual de Cultura (DEC) nos anos 1960, e o *Catálogo 2012* da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal). Foram valiosas igualmente as consultas feitas ao Acervo Moacir Medeiros de Sant’Ana e à obra *ABC das Alagoas*, de Barros (2005).

A metodologia adotada tem nítido perfil híbrido, combinando-se a análise historiográfica, a exegese político-cultural, bem como a observação participante.

Além de estudos bibliográficos indispensáveis nesta primeira fase, recorrer-se-á à história de vida para resgatar os perfis intelectuais dos sujeitos do conhecimento comunicacional para fazer oportunamente a análise dos resultados baseados no método comparativo.

Apresentam-se, a seguir, perfis dos ícones representativos de três gerações.

4 SÉCULO XIX: DIAS CABRAL

João Francisco Dias Cabral nasceu em Maceió, em 17 de dezembro de 1834, e faleceu nesta cidade, em 19 de julho de 1885. Filho de Francisco Dias Cabral e de Maria do Rego Cabral, começou a estudar em Maceió, mas aos 14 anos transferiu-se para Salvador, completando a formação básica no Colégio Santo Antônio, para depois

seguir a carreira de médico, diplomando-se em 1856 na Faculdade de Medicina da Bahia. No retorno à terra natal, dedica-se à clínica médica e ao ensino secundário, vindo a ser diretor do Liceu de Artes e Ofícios. Vocacionado para a pesquisa científica, participou da fundação do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas (Iaga), merecendo a escolha dos seus pares para assumir o cargo de secretário perpétuo daquela associação civil. Ali, teve chance de desenvolver estudos e pesquisas, disseminadas por meio da *Revista do Iaga*, por ele fundada em 1872, projetando a entidade em âmbito nacional.

Publica o primeiro inventário da imprensa alagoana, escrito em 1870 sob a forma de comunicação destinada aos sócios do Iaga. Trata-se do texto fundacional do pensamento comunicacional alagoano, focalizando a implantação e o desenvolvimento da imprensa em Alagoas, veiculado pela *Revista do Iaga* (Cabral, 1874a).

Dias Cabral filia-se à corrente histórica antilusitana, então vigente no país, condenando a obtusidade da colonização portuguesa pelos obstáculos criados à implantação precoce da imprensa e enaltecendo a tentativa de criação da imprensa feita pelos invasores holandeses no século XVII. Defende também a tese de que o espírito nacional só eclodiria após a abdicação de Pedro I, quando o governo transitório (Regência) afrouxou os elos da servidão imperial, propiciando a institucionalização das províncias e permitindo que as localidades assumissem suas identidades.

Em tal contexto, a imprensa adquire função, força e significado. Foi produto desse movimento de afirmação provincial a criação em Maceió, em 1831, de uma sociedade patriótica, destinada a trazer do Recife uma tipografia, em que se publicou em agosto o jornal *Iris alagoense*, o primeiro hebdomadário alagoano.

Embora reconheça o pioneirismo do tipógrafo francês Adolpho Emile Bois Garin, responsável pelas primeiras edições do jornal alagoano, Dias Cabral enaltece os “decanos dos nossos typográficos”: João Simplício da Silva Maia e Bartolomeu José de Carvalho, aprendizes que rapidamente dominaram a técnica da impressão em Alagoas.

Assinala com pertinácia o clima de coação à liberdade de imprensa, perpetrado pelas oligarquias locais, responsáveis pela fuga precoce do tipógrafo francês, o que voltaria a ocorrer em relação a outros adventícios que protagonizaram a história da imprensa de Alagoas. Seu inventário das iniciativas destinadas ao desenvolvimento da imprensa e do jornalismo em terras alagoanas é marcado pelo reconhecimento das renhidas contendas políticas entre grupos adversários, tornando o exercício do jornalismo atividade de risco e a manutenção da imprensa empreendimento umbilicalmente ligado ao poder público.

Sua conclusão é, em certo sentido, pessimista, proclamando que, em Alagoas, o solo reservado à imprensa tem sido árido em face do ambiente de temor enfrentado por aqueles “nobres lutadores” que ousaram praticar o jornalismo. Como jornalista, ele colaborou no *Diário das Alagoas* e no *Diário da manhã*.

Além de haver delineado o perfil da atividade comunicacional pública, Dias Cabral fez incursões por intermédio de outros processos comunicacionais situados na fronteira daqueles fenômenos rotulados por Luiz Beltrão como folkcomunicações. Ele realizou trabalhos de campo destinados a resgatar as contribuições negras, indígenas e lusitanas para a construção de símbolos que forjaram a identidade cultural alagoana.

Alagoas tem uma dívida intelectual com Dias Cabral, primeiro secretário perpétuo do Iaga. Reconhecido como “sábio” por seus contemporâneos, ele peregrinou por diversos territórios cognitivos, legando às novas gerações cartografia da cultura alagoana, a ser explorada, aprofundada e continuada.

Esse resgate foi, em certo sentido, deslanchado por Moacir Medeiros de Sant’Ana (1985) e agora conquista a adesão de Luiz Sávio de Almeida (2004). Ambos constroem perfis comparativos, estabelecendo paralelos entre Dias Cabral e dois outros pensadores alagoanos. Sant’Ana compara seu trabalho historiográfico com o de Craveiro Costa, escritor da geração seguinte, enquanto Almeida busca afinidades com seu companheiro Silva Croatá, cofundador do Instituto Histórico de Alagoas.

Entre suas publicações de interesse para o campo comunicacional, destacam-se: *Esboço histórico acerca da fundação e desenvolvimento da imprensa em Alagoas* (Cabral, 1874a); *Narração de alguns sucessos relativos à Guerra dos Palmares* (Cabral, 1875); *Esclarecimento acerca da significação de alguns termos da língua tupi, conservados na geografia das Alagoas* (Cabral, 1876); *Pesquisa rápida acerca da fundação de alguns templos da Vila de Santa Madalena da Lagoa do Sul, agora Cidade das Alagoas* (Cabral, 1874b); e *Vestígios de uma antiga família estabelecida na Vila de Santa Madalena da Lagoa do Sul* (Cabral, 1879).

5 SÉCULO XX: COSTA REGO

Pedro da Costa Rego nasceu em Pilar, em 1889, transferindo-se aos 11 anos de idade para o Rio de Janeiro. Educado pelo tio, o jornalista Antônio José de Oliveira e Silva, fez-se um periodista dos mais respeitados no Brasil. Foi secretário da Agricultura de Alagoas em 1912, deputado federal em três legislaturas, nos períodos 1915-1917, 1918-1920 e 1921-1923, governador de Alagoas de 1924 a 1928 e senador nos períodos 1929-1930 e 1935-1937. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 65 anos de idade, em 1954.

Não obstante tenha sido um jornalista que desfrutou de grande prestígio em sua época, Costa Rego vem sendo vítima do esquecimento nacional, como ocorre com tantos outros profissionais da imprensa. Quem lhe faz justiça é Fernando de Azevedo, que o arrola como um dos proeminentes jornalistas brasileiros do século XX, em sua obra clássica *A cultura brasileira*, escrita em 1943 (Azevedo, 1963, p. 697).

Na sua trajetória pública, destacam-se duas facetas: o jornalista e o político. O jornalismo serviu-lhe de escada para ascender na política. As duas atividades confluíram para a terceira vertente (a de escritor), esta motivada pelo convívio com os literatos que habitavam o cenário do *Correio da manhã*, estimulando-o à publicação de três livros.

Se o desempenho político de Costa Rego suscitou controvérsias, sua ação jornalística mostra-se consistente e coerente. Foi um profissional sério, disciplinado, rigoroso e respeitado pela sua corporação. Daí o convite que lhe fizeram os dirigentes da Universidade do Distrito Federal (UDF) para implantar a primeira cátedra de jornalismo do Brasil.

Sua pedagogia da austeridade fez escola, embora mantivesse, fora da redação do jornal, relações cordiais com seus colaboradores. Ele se tornou figura lendária na imprensa carioca, motivando depoimentos de seus aprendizes de jornalismo, como Otto Lara Resende e Antonio Callado.

Na década de 1940, o *Correio da manhã* liderava a imprensa da capital da República. Na cúpula da redação, pontificava uma “República das Alagoas”, chefiada por Costa Rego e integrada por Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos e Rodolfo Mota Lima. “Mandão, exigente e irritadiço, porém competente, o redator-chefe zelava pela *ortografia da casa*, expressão cunhada por Paulo Bittencourt para definir o jeito de ser do jornal” (Moraes, 1992, p. 241).

Antonio Callado, que seria o sucessor de Costa Rego na chefia da redação, assim descreve a atuação daquele grupo:

os alagoanos, na prática, cuidavam do texto. Não tinham nada das ranhetas, não; apenas fiscalizavam a linguagem e o estilo. Naquela época, aprendia-se português muito melhor do que hoje, havia mais consciência do valor da língua (Moraes, 1992, p. 241).

Se no topo figuravam os alagoanos, o conjunto da redação era formado por uma equipe de qualidade, pois Costa Rego esmerava-se em recrutar jornalistas competentes.

O episódio da contratação de Graciliano Ramos para integrar aquela redação é muito emblemático. As relações entre Costa Rego e Graciliano Ramos eram mutuamente respeitadas e cordiais.

Correndo contra o relógio, Costa Rego e Graciliano Ramos raramente conversavam durante o fechamento. O redator-chefe fazia questão de que seus artigos fossem lidos previamente por Graciliano, que, concentrado na tarefa, com ar grave, desestimulava os que pretendiam abordá-lo (Moraes, 1992, p. 242).

Eles se conheciam desde os tempos em que haviam militado na política alagoana. Aurélio Buarque de Holanda, o amigo que os reaproximou, neles identificava qualidades literárias, além da origem territorial comum. Cabe-lhe a iniciativa de encorajar Costa Rego para reunir em livro uma seleção de seus escritos jornalísticos e seus discursos políticos, convencendo-o do mérito literário que possuíam. Prontifica-se a redigir-lhe o prefácio, no qual o designa como “jornalista ideal” pelo cultivo de dois atributos da escrita: precisão e síntese (Holanda, 1952). Por isto, seu biógrafo não se equivoca ao dizer:

o jornalista e o escritor formavam uma simbiose perfeita. Os artigos, as crônicas e os discursos que produziu, todos se somam na beleza do estilo, que se alicerça em frases bem construídas. São escritos altamente conceituosos, e muitos chegam a ser antológicos. Alguns deles estão aconchegados nas páginas de *Águas passadas*, *Na terra natal* e *Economia mal dirigida*, dimensionando a arte de escrever do jornalista-escritor (Sapucaia, 1989, p. 10).

Todavia, para ser completo, seu perfil precisaria incluir sua atividade docente. Ela se resume, contudo, a um traço no seu registro biográfico:

mesmo sem ter frequentado nenhum curso superior, já que no Rio estudou apenas no Mosteiro de São Bento, tornou-se professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia, no Rio de Janeiro, lecionando a cadeira de História das Américas, fato este que diz da sua inteligência e da sua capacidade intelectual (Sapucaia, 1989, p. 10).

Quando faleceu, em 1954, a sociedade carioca tributava a Costa Rego homenagem de estadista.

A obra publicada de Costa Rego compõe-se de três volumes. O conteúdo dos dois primeiros – *Na terra natal* (Rego, 1928) e *Economia mal dirigida* (1945) – refere-se à sua intervenção exclusivamente na política.

Somente *Águas passadas* (1952) contém pistas da sua atuação jornalística. Ela inclui também o ensaio que produziu – *Como foi que persegui a imprensa* (Rego, 1930) –, defendendo-se das acusações dos seus adversários na política alagoana de que havia perseguido a imprensa durante sua gestão governamental.

O livro tem duas partes. A primeira é uma coletânea de discursos e ensaios sobre temas diversos. A segunda enfeixa as notas da viagem que o autor fez à Europa em 1948.

Do conjunto da obra, quatro capítulos são dedicados especificamente ao jornalismo. Três são peças de oratória e um configura-se como ensaio de

combate – melhor dizendo: de defesa – político. Examinando-se cada um destes textos, é possível identificar as concepções jornalísticas esposadas por Costa Rego. Elas estão situadas em quatro eixos temáticos: *i)* natureza do jornalismo; *ii)* missão do jornalista; *iii)* direito de resposta; e *iv)* relação entre imprensa e governo. Quem fez a exegese do seu pensamento jornalístico foi a jornalista Lidiane Diniz, em dissertação de mestrado defendida em 2010, na Universidade Metodista de São Paulo.

6 SÉCULO XXI: DOUGLAS APRATTO TENÓRIO

Douglas Apratto Tenório nasceu em São Miguel dos Campos, em 1º de janeiro de 1945, onde estudou o primeiro grau. Transferindo-se para Maceió, completou sua formação secundária no colégio Guido Fontgalland e graduou-se em história na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). A pós-graduação foi realizada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na qual obteve os títulos de mestre e doutor em história.

Sua carreira acadêmica foi desenvolvida na Ufal, onde galgou os postos mais elevados na escala docente, como professor de história do Brasil, e no plano da gestão pública, como diretor de Instituto e secretário de Estado. Obteve reconhecimento intelectual, ocupando cadeiras vitalícias na Academia Alagoana de Letras e no Instituto Histórico de Alagoas, entre outras distinções. Atualmente, é vice-reitor da mais importante universidade comunitária do estado, o Centro Universitário de Maceió (CESMAC).

Data de sua temporada pernambucana o interesse pelos fenômenos comunicacionais, seja no âmbito da comunicação cultural (imprensa), seja no domínio da comunicação espacial (ferrovias). Uma de suas primeiras experiências investigativas foi a repartição de tarefas que propôs ao colega de mestrado Pedro Teixeira, quando desafiados pelo mestre Armando Souto Maior a inventariar os vestígios da imprensa alagoana do fim do século XIX nos arquivos públicos pernambucanos. Eles apresentaram em dupla o trabalho na sala de aula, optando Apratto Tenório por converter sua parte da pesquisa em livro, que circulou na academia em 1977.

É justamente nessa obra da mocidade que Apratto Tenório esboça seu pensamento comunicacional, vislumbrando o desenvolvimento da imprensa alagoana como parte integrante de conjuntura bafejada pelos “ventos da modernização” do estado de Alagoas.

Diferente da maioria dos pensadores nacionais, que desenvolveram ideias fragmentadas, Apratto Tenório mostra-se propenso a pensar holisticamente os fenômenos comunicacionais, não estabelecendo fronteiras entre as comunicações espaciais (transportes) e as culturais (mídia).

Reconstituindo o “surto de melhoramentos”, que ocorreu em Maceió e cidades do interior, ele não perde de perspectiva as redes de locomoção urbana e as vias de comunicação intermunicipais e interestaduais (estradas de rodagem, portos, ferrovias etc.) como elementos da infraestrutura providencial para o transporte de mercadorias, pessoas, notícias e ideias.

Nesse sentido é que Apratto Tenório concebe a imprensa não apenas como “fonte histórica” mas também como instituição dinamizadora do progresso local, alavancado pelas suas vanguardas culturais.

O desafio de resgatar a explicitação do seu pensamento comunicacional pressupõe um recorte na sua prolífica historiografia. Por isto, limitar-se-á a um segmento específico – ou seja, o bloco de livros em que faz disseminação científica, dialogando-se extrapares.

Trata-se de amostra constituída por três obras: *Capitalismo e ferrovias no Brasil* (Tenório, 1996), *A tragédia do populismo* (Tenório, 1995) e *Metamorfose das oligarquias* (Tenório, 1997), às quais se referirá, no correr desta análise exploratória, respectivamente, de modo abreviado: *Ferrovias*, *Populismo* e *Oligarquias*.

É justamente em *Ferrovias* que Tenório (1996) mostra a natureza holística da sua compreensão do fenômeno da comunicação, embora privilegie a visão infraestrutural, reservando às demais obras a ênfase para os fatores superestruturais.

Em *Ferrovias*, o fenômeno social da comunicação recebe tratamento substantivo, catalisando-se o foco de metade dos capítulos, sendo que em cinco o autor conceitua, problematiza e argumenta a propósito das “comunicações físicas” (os caminhos de ferro em Alagoas, no Nordeste, no Brasil e na Inglaterra), deixando apenas um para apreender o sentido das “comunicações culturais” (a imprensa como fonte histórica).

Sua tese é que as ferrovias cumpriram papel decisivo na dinamização de economias dependentes e autárquicas, conduzindo aos portos marítimos as mercadorias produzidas no interior do país e, ao mesmo tempo, transportando produtos culturais gerados além-mar para abastecer a mídia nacional, ou, então, para difundir a cultura de massa junto aos consumidores potenciais. Esta dupla face é reconhecida pelo autor, que assim indica a essência do referido livro.

Nas duas obras posteriores, a comunicação figura secundariamente, sendo incluída como fator adjetivo e elemento complementar da sociedade alagoana, no apagar das luzes do século XIX e durante todo o século XX. No bojo destas mudanças, estão os aparatos midiáticos.

Em *Oligarquias*, o viés comunicacional que suscita maior atenção é o uso intensivo da imprensa como instrumento de poder ou arma para neutralizar a ação política dos adversários. É o que o oligarca Euclides Malta não hesitou em usar para se fortalecer politicamente.

Para fazer frente às duras acusações da imprensa adversária, Euclides adquiriu equipamentos modernos e importados para o jornal *A Tribuna*, que passou a ser o mais bem dotado do estado. Por meio da máquina administrativa, ajudava os outros órgãos que adotavam uma linha de discreto apoio a seu grupo ou, no máximo, se mantinham equidistantes das críticas, e, por outro lado, dificultava a vida dos persistentes jornais de oposição (Tenório, 1997, p. 98).

Finalmente, convém prestar atenção à advertência feita por Apratto Tenório, relativizando o fator comunicacional em processo extremamente complexo e multifacetado:

o fenômeno oligárquico é mais complexo; não se restringe apenas a indivíduos ou a famílias que governam indefinidamente o Estado. É preciso também sentir as transformações por que passa uma sociedade que sai aos poucos do casulo agrário-isolacionista para uma tímida urbano-industrialização. Faz-se necessário conhecer mais amplamente a formação histórica de Alagoas e a evolução da nossa sociedade, desde os primórdios do período colonial, quando se consolidou a ocupação e a propriedade da terra. É preciso ir mais além, percorrer a modernização da última metade do século XIX, com a revolução nos transportes ferroviários e na navegação e chegar até o advento da República (Tenório, 1997, p. 131).

Sua bibliografia é composta por inúmeros títulos, dos quais são importantes o livro-reportagem *A tragédia do populismo* (Tenório, 1995) e os ensaios de *Capitalismo e ferrovias no Brasil* (Tenório, 1996) e *Metamorfose das oligarquias* (Tenório, 1997). Também vale a pena incluir o álbum-memória, escrito em parceria com Carmen Lúcia Dantas, *Redescobrimo a cartofilia alagoana* (Tenório e Dantas, 2008).

Uma lista exaustiva de seus livros e artigos publicados em revistas pode ser consultada na obra *ABC das Alagoas* (Barros, 2005, tomo I, p. 81-83).

Além de publicar artigos de divulgação na imprensa alagoana (*Revista mocidade, Jornal de Alagoas, Diário de Alagoas, Jornal de hoje e Correio de Maceió*), Apratto Tenório coordenou algumas séries históricas que repercutiram intensamente em Alagoas, com o apoio da *Gazeta de Alagoas*, em que foram inseridos os fascículos respectivos. As mais recentes foram intituladas *Enciclopédia municípios de Alagoas* (2006) e *Memória cultural de Alagoas* (2001). A primeira inventariou o passado e o presente de todos os municípios integrantes das dezesseis microrregiões geopolíticas de Alagoas. A segunda focalizou as trajetórias de 25 intelectuais alagoanos que se projetaram na cultura brasileira. Elas foram precedidas pelo documentário *Memória legislativa*, também encartado semanalmente no jornal das Organizações Arnor de Mello, em 1999, contendo os perfis biográficos de parlamentares emblemáticos do estado de Alagoas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. S. **Dois textos alagoanos exemplares**. Maceió: Funesa, 2004.
- AZEVEDO, F. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.
- BARROS, F. R. A. **ABC das Alagoas**. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005.
- CABRAL, J. F. D. Esboço histórico acerca da fundação e desenvolvimento da imprensa em Alagoas. **Revista do Iaga**, Maceió, v. 1, n. 5, p. 99-109, 1874a.
- _____. Pesquisa rápida acerca da fundação de alguns templos da Vila de Santa Madalena da Lagoa do Sul, agora Cidade das Alagoas. **Revista do Iaga**, Maceió, v. 2, n. 5, p. 1-11, 1874b.
- _____. Narração de alguns sucessos relativos à Guerra dos Palmares. **Revista do Iaga**, Maceió, v. 1, n. 7, p. 1.161-1.187, 1875.
- _____. Esclarecimento acerca da significação de alguns termos da língua tupi, conservados na geografia das Alagoas. **Revista do Iaga**, Maceió, v. 1, n. 8, p. 202-206, 1876.
- _____. Vestígios de uma antiga família estabelecida na Vila de Santa Madalena da Lagoa do Sul, **Revista do Iaga**, v. 2, n. 11, p. 14-25, 1879.
- HOLANDA, A. Prefácio. In: REGO, P. C. **Águas passadas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- MARQUES DE MELO, J. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. **A esfinge midiática**. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. **História política das ciências da comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008a.
- _____. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Paulus, 2008b.
- _____. **História do jornalismo**. São Paulo: Paulus, 2012.
- MARQUES DE MELO, J.; GAIA, R. **Sertão glocal**. Maceió: Edufal, 2010.
- MORAES, D. **O velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- REGO, P. C. **Na terra natal (1924-1928)**. Maceió: Imprensa Oficial, 1928.
- _____. **Como foi que persegui a imprensa**. Rio de Janeiro: edição particular, 1930.
- _____. **Águas passadas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

SANT'ANA, M. M. Dois historiadores: Craveiro Costa e Dias Cabral. **Revista do IHGA**, v. XXXIX, 1985.

SAPUCAIA, A. **Costa Rego, esse esquecido**. Maceió: Sergasa, 1989.

TENÓRIO, D. A. **A tragédia do populismo**. Maceió: Edufal, 1995.

_____. **Capitalismo e ferrovias no Brasil**. Curitiba: HD Livros, 1996.

_____. **Metamorfose das oligarquias**. Curitiba: HD Livros, 1997.

TENÓRIO, D. A.; DANTAS, C. L. **Redescobrimo a cartofilia alagoana**. Recife: Massangana, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CUNHA, L. A. **A universidade temporária: o ensino superior da colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES DE MELO, J. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1974.

_____. **Vestígios da travessia**. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. Contribuições de Douglas Apratto ao pensamento comunicacional alagoano. **Revista brasileira de história da mídia**, Guarapuava, v. 1, n. 2, p. 85-93, jul./dez. 2012.

MARQUES DE MELO, J.; CASTRO, D. (Orgs.). **Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: memória**. Brasília: Ipea, 2012. v. 3.

REGO, P. C. Da imortalidade dos jornais. In: RESENDE, O. L. **O príncipe e o sabiá: e outros perfis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, J. H. **História viva**. São Paulo: Global, 1985.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

